ANNO XVI de "O Povo de Aveiro.. DOMINGO, 1 JUNHO DE DE 1902 N.° 946 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 147

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.° Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Por abundancia d'original, tivemos de retirar o artigo d'esta secção, que não perde por falta de opportunidade.

Sahirá no proximo domingo.

Cartas d'Algures

30 DE MAIO.

As *Novidades* aconselham uma conciliação na questão do convento das carmelitas.

Mas o sr. presidente da camara municipal de Aveiro já foi o mais conciliador que podia ser. Até foi conciliador de mais por isso que não se devia ter dirigido ao bispo, por um lado, nem devia ter consentido em deixar o padre Bento na posse da casa que occupa, pelo outro.

O convento das carmelitas, em boa doutrina, não póde nem deve estar na posse do bispo. Se o bispo possuisse legalmente o convento das carmelitas, comprehende-se que o sr. presidente da camara implorasse a acquiescencia do bispo. Mas essa legalidade contestamos nós. E então o sr. presidente da camara foi de uma deferencia extrema com o prelado. Não tem este de que se queixar.

Quem tem direito a queixas contra o bispo, queixas variadas e por variados motivos, são os aveirenses.

Ao officio do sr. presidente da camara, officio quasi humilde, respondeu o prelado com a maior arrogancia. Sem delicadeza alguma, pode-se affirmar. Indelicadeza que subiu de ponto com a publicação dos documentos. Depois veio o incidente da procissão, provocado exclusivamente pelo espirito auctoritario do prelado. E por ultimo temos a registar os insultos, arremessados vilmente á cidade pela gente do bispo.

Que conciliação ha de haver agora?

Nenhuma. Absolutamente nenhuma. O sr. presidente da camara fez as ultimas concessões. A egreja fica de pé, o padre Bento fica na casa onde vive, se quizer, e acabou-se. Nem nós sabemos como ha de ser de outra fórma.

O sr. presidente da camara não póde, nem deve perder o seu prestigio, tão habilmente e justificadamente adquirido.

O tom da resposta do bispo foi a primeira inconveniencia. A segunda foi a publicação dos dois officios. Ahi houve mais do que inconveniencia, houve deslealdade, porque, a publicar-se qualquer coisa, ou se publicava tudo ou não se publicava coisa nenhuma. E o ultimo officio, resposta do presidente da camara, não foi publicado. A terceira inconveniencia foi a conducta do bispo, durante a procissão. A quarta são os insultos, as mentiras, as infamias que os homens, que cercam o prelado ou que são do seu partido, andam espalhando no paiz contra os aveirenses.

Não ha conciliações. Não pode haver. O convento passa para a camara municipal e o bispo fica-se em paz. Eis a unica conciliação possivel.

Ainda póde haver outra. O convento passa para a camara municipal, o bispo fica em paz e respeito, e os aveirenses não atiram da ponte abaixo os mariolões, os indignos mariolões que os andam insultando, dizendo-se filhos d'esta terra, uns, e vivendo n'ella e á custa d'ella, outros.

Vamos. Vá lá essa conciliação, que já não é pouco. Em boa justiça, quem correu o bispo, que sempre é, como homem, mais respeitavel que todos os mariolões que em Aveiro lhe fazem a côrte, tem rigorosa obrigação de pegar pelas pernas dos farçantes que, cynicamente, estão exportando, d'ahi para toda a parte, mentiras infamantes, insultos affrontosos, e atirar com elles da ponte abaixo.

Verdade, verdade: essa é a justiça. Pois o bispo é apupado, apedrejado, corrido, e não se hão de deitar da ponte abaixo os tratantes que estão dirigindo as ultimas injurias á cidade, não em qualquer periodico local, que isso seria o menos, mas em todos os jornaes do paiz de grande circulação?

Com franqueza, é esperar muito da generosidade d'esse povo.

Mas, emfim, fiquem os homens sem castigo e fique o bispo com toda a paz e respeito, mas o conventosinho passa a ser propriedade da camara. E não vão por deante os processinhos que se dizem já instaurados a alguns dos manifestantes, porque a imprudencia não partiu d'elles, mas do bispo.

E tudo o que não fôr isto é a continuação da tempestade, que vem armada, de ha muito, e que póde alastrar por todo o paiz se não se apressam a regularisar essa pendencia de Aveiro.

Emfim, seja como fôr, o sr. presidente da camara não póde, nem deve, sahir do campo em que se collocou. Já transigiu. Transigir mais do que isso é ficar sem o convento e deixar em cheque a causa liberal.

Transigencias d'essas, á força de repetidas, é que teem dado alentos aos reaccionarios. Estes é que nunca transigem. Estes é que nunca desarmam. E nem são intransigentes na linha do respeito. São insolentes, são atrevidissimos, insolencia e atrevimento que lhes veem da impunidade. E' vêr como elles estão procedendo agora ahi. Fiados em que o povo não lhes dá importancia bastante para lhes arrancar as orelhas, convencidos de que a clericalha os ha de recompensar, teem-se atrevido a coisas de que eu proprio, que os conheço, me admiro. Não me admiro da imbecilidade d'elles. Politicamente, tudo quanto elles estão fazendo é uma imbecilidade. Mas imbecilidades d'essas teem elles feito sempre. Em poucas terras o corpo eleitoral é tão independente como em Aveiro. Ora os da Vera Cruz e os francaceos, que fazem juntos panellinha, não teem feito outra coisa, ha mezes, senão indispôr-se com o corpo eleitoral aveirense. A propria chafarica do commercio já mette agua por todos os lados. E' uma chafarica muito arrebentada. Não me admiro, pois, da imbecilidade d'elles. Admiro-me da confiança que elles teem na indifferença da multidão.

E' verdade que essa confiança ainda é filha da mesma imbecilidade.

Quanto mais imbecil, mais confiado.

Que grandissimos patetas! Estou de longe a rir-me d'elles. Como esses francaceos teem rolado para o charco! Já não é preciso empurral-os. Adquiriram movimento, e lá vão.

Pois deixa-los ir.

Era um nucleo de reaccionarios que se estava ahi formando e que, de futuro, viria a dar que fazer á causa democratica.

Ainda bem que foram elles proprios, com a sua imbecilidade, que auxiliaram os esforços empregados para os enterrar.

Agora é acenar-lhes.

Nunca mais, nunca mais esses mariolões levantarão cabeça em Aveiro.

Aveiro affirma sempre o seu espirito liberal. Aveiro não podia deixar de se tornar incompativel com reaccionarios e com reaccionarios de tal ordem, fanfarrões e imbecis.

A. B.

MINISTRO DA GUERRA

Consta-nos que o sr. ministro da guerra, Pimentel Pinto, visitará esta cidade no dia 10 do corrente.

"Povo de Aveiro,,

Em Aveiro, vende-se na «Pastelaria Cysne.»

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

O DESACATO AO BISPO E A IMPRENSA LOCAL

Bem diziamos nós! Se nós os conhecemos!

Bem diziamos nós que todos haviam de rastejar deante do bispo!

Foi tudo. Foi o ignobil pasquim dos francaceos, foi o *Campeão das Provincias*, foi o proprio *Progresso de Aveiro*. Foi tudo. Só o *Povo de Aveiro*, com o que muito nos honramos, fez causa commum com o povo. Foi o *Povo de Aveiro* o unico periodico local que não bateu nos peitos deante de sua excellencia reverendissima.

Tudo o mais ajoelhou para beijar o annel ao bispo.

Arre, corja!

Mas, ámanhã, vão todos, de porta em porta, pedir o voto a esses mesmos populares que hoje tratam a pontapés. E o mau somos nós! Nós estamos sempre do lado da civilisação e da democracia. Nós defendemos sem cessar os direitos do povo. Nós pugnamos, a toda a hora, pela justiça, pela verdade. Nós arriscamos tudo em defeza dos interesses legitimos da terra onde nascemos. Nós não pedimos, em troca, coisa alguma: nem empregos, nem estradas por ao pé da porta, nem votos, nem popularidade, sequer, porque, promptos a defender sempre os direitos populares, tambem estamos sempre promptos a combater ridiculos e preconceitos, estejam onde estiverem e partam d'onde partirem. E, afinal, somos nós as creaturas *hediondas* que se apontam rancorosamente á vindicta do publico!

Que tratantes!

Que tartufos!

O ignobil pasquim dos francaceos refere-se aos acontecimentos do dia 18 com a velhacaria jesuitica que caracterisa o seu verdadeiro redactor. Não se atreve a investir claramente com o povo. Mas vae sempre dizendo que «os jornaes de Lisboa e Porto publicam noticias d'esta cidade tão desconformes com a verdade, que só significam ignorancia das occorrencias, ou simples má fé.»

Os malandros! Fartos estão elles de saber como as coisas se passaram. Mas nem assim deixam de levar a desvergonha e a audacia até ao ponto de affirmarem, na propria terra onde os acontecimentos se déram, nas proprias bochechas dos aveirenses que tomaram parte na manifestação, que as noticias publicadas pelos jornaes de Lisboa e Porto **são tão desconformes com a verdade que só significam ignorancia das occorrencias, ou simples má fé.**

Isto seria caso para os escrevinhadores serem corridos a pontapés por aquelles mesmos populares, que tanta energia demonstraram contra o bispo, se taes escrevinhadores tivessem a menor imputação. Não teem nenhuma. São uns fraldiqueiros tão infimos que não despertam indignação. Só provocam desdens.

Mas é bom ir accentuando sempre o feitio ignobil d'esses patifes. Assim, ao passo que se limitam em Aveiro a dar *uma em cheio outra em falso*, ao passo que insinuam jesuiticamente que as noticias dadas pelos jornaes de Lisboa e Porto obedecem aos manejos dos liberaes de Aveiro, fóra de Aveiro tiram a mascara e dizem quantas insolencias ha contra os aveirenses. Insolencias e mentiras. A *Folha de Coimbra*, por exemplo, que é orgão francaceo, chama aos manifestantes do dia 18, *garotos*, *canalha*, *ralé*, etc. E necessariamente a *Folha de Coimbra*, que não tinha nenhum dos seus redactores em Aveiro no dia 18, procede em virtude de informações recebidas d'aqui. D'outra fórma, tendo sido os manifestantes milhares d'elles, todas as classes populares, toda a multidão que enchia as ruas, não levaria a affronta até ao ponto de injuriar, por aquella fórma, não meia duzia de homens, mas todo o povo aveirense.

Isto pelo que toca ao orgão principal dos francaceos em Aveiro.

O *Campeão das Provincias*, que tambem defende a politica francacea na localidade, escreve com menos hypocrisia e, por isso, põe mais a descoberto o proceder da quadrilha.

Para esse, os manifestantes foram meia duzia, se tanto. Por entre muita baboseira, diz o *Campeão* de 24 de maio, em artigo editorial intitulado *Protesto*:

> «Nada desculpa essa **meia duzia, se tanto**, de **desvairados**, que, esquecendo o que devem a si e á terra onde vivem, perturbaram a mais solemne e sympathica das solemnidades religiosas que aqui se celebram, e magoaram um dos mais illustrados, virtuosos e bemquistos principes da egreja lusitana.»

Isto basta para desmascarar os tartufos. Quer dizer, não restam duvidas de que os auctores de todas as informações falsas para os jornaes de fóra, auctores de telegrammas e correspondencias, de que os insultadores das classes populares aveirenses, tratadas em varios periodicos do paiz por *canalhas*, *garotos*, *ralé*, etc, foram os individuos que defendem em Aveiro a politica francacea, isto é, que compõem a quadrilha mais repugnante de quan-

tas teem apparecido até hoje n'esta terra.

Não ha duvidas nenhumas.

Nenhum periodico local, salvo o *Povo de Aveiro*, se collocou do lado do povo, embora, da nossa parte, sem offensas para o bispo de Coimbra, nem incitações contra o prelado. O que nós dissémos e diremos é que a culpa foi do proprio bispo, que não teve a prudencia precisa para evitar um conflicto, que se offerecia como fatal. O que nós dissémos e diremos é que a questão do itinerario da procissão foi um simples pretexto e que a causa real dos tumultos foi o espirito anticlerical do povo aveirense, aggravado pela conducta recente do bispo, no caso do convento das carmelitas. Por isso mesmo, repetimos, a culpa foi toda d'este, que tinha obrigação de prever as consequencias da sua teimosia em não acompanhar a procissão pela rua de Santa Catharina. E explicando-se e justificando-se a explosão popular, o nosso dever é estar ao lado do povo para o defender das calumnias que lhe arremessam, e das tramoias que lhe preparam. E do bispo não discutimos virtudes nem qualidades de caracter. Só protestamos contra a hypocrisia com que varios periodicos pretendem illudir a opinião liberal apontando o bispo de Coimbra como liberal.

Nenhum periodico local, como iamos dizendo, se collocou do lado do povo, explicando e justificando o seu procedimento, a não ser o *Povo de Aveiro*. Mas nenhum mostrou a sua má vontade irritante, a sua animosidade manifesta, senão os dois orgãos da politica francacea, *Campeão das Provincias* e o pasquim que dá pelo nome de *Vitalidade*.

Não admira.

A politica francacea em Aveiro compõe-se de gente do *Campeão das Provincias* e da gente de Jayme de Magalhães Lima. Aquelles são os que conservam as tradicções reaccionarias da questão das *irmãs da caridade*. Estes pensam, falam e procedem exclusivamente pela bocca de Jayme de Magalhães Lima que é, no fundo, um verdadeiro *beatão*.

Barboza de Magalhães é menos reaccionario do que Jayme de Magalhães Lima. Muito menos, mesmo. Mas entende que deve fazer politica com os reaccionarios e está cercado de meia duzia de insignificantes, que são carolas desde as unhas dos pés até á raiz dos cabellos. Mas Jayme de Magalhães Lima, esse é propriamente carola, conservadorão, beatão. No fundo, tão criminoso é Barboza de Magalhães como Jayme de Magalhães Lima. Perante a causa democratica, ambos valem a mesma coisa. Individualmente, irrita mais o beatão do que o outro.

Seja como fôr, a questão do bispo teve a grande vantagem de demonstrar quaes eram em Aveiro os amigos da liberdade e quaes eram os seus inimigos.

Entre estes, nenhuns mais ferrenhos e rancorosos do que os taes francaceos.

E lembrar-se a gente de que entre elles militam alguns sevandijas que ainda ha pouco se diziam republicanos!

P. S.—Já estava composto este artigo quando, devido á amabilidade d'um cavalheiro para nós desconhecido, recebemos tres numeros do novo jornal de Lisboa *A Epoca*, onde a questão d'Aveiro é excellentemente tratada em artigos que não tinhamos lido ainda. O referido cavalheiro chama, em particular, a nossa attenção para um telegramma d'Aveiro, publicado na *Epoca*, e que este periodico diz ter recebido da redacção do *Campeão das Provincias*.

O telegramma é tudo quanto ha de mais ignobil, como os leitores vão vêr.

Eis o telegramma:

Aveiro, 20, ás 8, m.—Quando a procissão de Santa Joanna recolhia, as irmandades que iam á frente seguiram ruas diversas das marcadas no itinerario. O presidente da camara de accordo com o bispo resolveu proseguir pelas ruas marcadas. Recusaram as irmandades retroceder, fraccionando a procissão. As auctoridades, camara e tropa seguiram o bispo pela rua de Jesus. Então os populares fretados procuraram fazer tumulto, evitando o energicamente a cavallaria sob o acertado commando do alferes Rezende. Em frente á egreja os discolos soltaram gritos subversivos ameaçando o prelado. O general de brigada fez dispersar a multidão. A cavallaria escoltou o coche do bispo que recolheu incolume ao paço. Os desordeiros seguiram o assobiando, dando morras. Uma pedrada attingiu o carro; outra um soldado; outra, os vidros do paço. A cavallaria poz tudo em debandada, restabelecendo-se o socego logo depois. A parte illustrada da cidade estigmatisa o facto indignada e correu ao paço manifestando a sua profunda consideração pelo prelado. Este retirou na manhã de hoje acompanhado por grande numero de cavalheiros e toda a officialidade de cavallaria e infanteria. As auctoridades procedem contra os criminosos, grande numero dos quaes o bispo tem soccorrido, matando-lhes a fome. E' preciso punir ou não haverá mais segurança individual.

Aqui junta-se a mentira á infamia, a audacia a um cynismo revoltante.

Os bandoleiros terminam o telegramma pedindo rancorosamente processos judiciaes contra os manifestantes. Ainda teem a questão das irmãs da caridade atravessada nas guelas!

E' preciso punir, dizem elles. E', é! Vê-se que os fraldiqueiros, sem deixarem de inspirar o mais completo desprezo, não ficam mal com dois puxões d'orelhas pelo atrevimento de garotos.

Insultar a população inteira d'uma cidade, e as classes populares em especial, não é o mesmo que dirigir chufas agarotadas a qualquer individuo. E' mais desrespeitoso. E' mais revoltante o atrevimento. E se, no artigo anterior, aconselhavamos absoluto desprezo pela corja, já não diremos o mesmo depois do conhecimento d'esse telegramma. Não queremos com isto dizer que haja indignações a ponto de se fazer a minima manifestação contra os fraldiqueiros. Deus nos livre, que era dar-lhes a importancia que não teem. Mas dois pontapés ao voltar d'uma esquina não são mal empregados, nem mal applicados.

Que repugnantes pelintrões!

Que descarados trapalhões!

Quaes são os *criminosos*, que o bispo soccorreu, e aos quaes o bispo matou a fome? Miseraveis! Se ha terra onde as classes populares gozam, felizmente, da independencia precisa para não viverem de esmolas, essa terra é Aveiro. Quaes são os *criminosos* que o bispo soccorreu, miseraveis? E' todo o povo aveirense, visto todo elle ter tomado parte na manifestação contra o prelado?

Quaes são os *criminosos* aos quaes o bispo tem matado a fome, escribas sem pudor?

São os pescadores, são os marnotos, são os barqueiros, são os marinheiros, são os operarios, são os trabalhadores, é todo o povo d'esta terra, que enchia as ruas no dia da procissão de Santa Joanna?

Miseraveis!

Atrevem-se a escrever infamias de tal ordem, e, comtudo, basta que um d'esses operarios, que honradamente affirmaram as tradicções liberaes d'esta terra, um d'esses populares, que não tiveram medo da tropa nem da policia para repellir a provocação do bispo, basta que um d'elles páre na frente de qualquer dos escrevinhadores, em attitude ameaçadora, para que o escrevinhador cáia de joelhos pedindo perdão.

São atrevidos. Mas é o atrevimento de todos os homens sem coragem e sem pudor. Um homem corajoso, diguo, sério, nunca tem atrevimentos de tal ordem.

E' o que nós temos dicto. E' o que diremos sempre. E' o que os factos confirmam e hão de continuar a confirmar. E' isto: em Aveiro ha uma quadrilha, uma verdadeira quadrilha, a quadrilha dos francaceos, da qual fazem parte, na quasi totalidade, os restos da quadrilha da Vera Cruz. Juntaram-se os quadrilheiros todos. Estão muito bem. Deixa-los estar. Mas conheça-os o povo e esmague-os. Esmague-os por amor da liberdade, em geral, e por amor das tradicções, da honra e dos interesses da nossa terra, em particular.

Se nós combatemos, sem descanço, essa quadrilha, não é por amor do grupo adverso, porque não queremos d'elle votos, influencias ou emprego, mas precisamente e unicamente por amor da democracia, das tradicções, dignidade e interesses de Aveiro, que não teem peores inimigos que esses quadrilheiros, reaccionarios ferozes, politiqueiros sem merito, sem patriotismo, sem habilidade e sem pudor.

E ahi teem os factos demonstrando se temos razão, ou se não temos.

Abaixo a reacção!

Abaixo os tartufos!

E ficamos onde sempre estamos: do lado da liberdade e do lado do povo.

Abaixo a reacção!

Abaixo os tartufos!

Abaixo os miseraveis, que expedem d'aqui telegrammas para os jornaes de Lisboa dizendo que o povo *se vendeu* para fazer manifestações contra o bispo.

Os **populares fretados**, diz o telegramma que a *Epoca* publicou!

Os **populares fretados!**

E' a ultima das injurias que se podem dirigir ás classes trabalhadoras da cidade.

Os **populares fretados!**

E a esses **populares fretados** se vão ámanhã, além, na occasião opportuna, dirigir os miseraveis a mendigar o voto!

Abaixo os miseraveis.

Abaixo os politiqueiros sem vergonha.

E contem comnosco, como sempre.

Trovoada

Na terça-feira de tarde sentiu-se n'esta cidade uma formidavel trovoada, acompanhada de algumas bategas d'agua, que pouco beneficiaram a agricultura.

Mas em compensação, antehontem de noite e hontem, choveu copiosamente.

Toca hoje no Jardim, das 5 ás 7 da tarde, a banda do regimento de infanteria 24.

Na quinta-feira á noite um tal Paulino d'Almeida desfechou dois ou tres tiros de rewolver no sr. Manuel Luiz, armador, alvejando-o n'uma perna com uma bala. Foi pensado no hospital da Misericordia, sendo o seu estado melindroso. O aggressor foi preso.

O analphabetismo NO EXERCITO

Lêmos nas *Novidades* a carta que se segue:

Sr. redactor.—Não quero ser impertinente. Ainda menos ser alcunhado de *magico*. Toda a gente defende a conveniencia de se espalhar a instrucção. Todos concordam que o analphabetismo é um dos grandes males d'este paiz. Pedem-se escolas e escolas. Mas, tanto pelo lado official como pelo lado da iniciativa particular, esbarra-se sempre na falta de dinheiro.

Pois bem. Está provado que ha um meio facilimo de crear centos de escolas, sem augmento de um real nas despezas publicas. Querem? Applaudem? Acham bom?

Se querem, apoiem o sr. ministro da guerra, que tão boa vontade tem mostrado. Se não querem, tambem eu não quero estar nos casos dos que são mais papistas que o Papa.

Dispenso as honras de caturra e de *magico*. Bem sei que n'um paiz frivolo como o nosso, cuja decadencia se caracterisa, em especial, pela falta de plano, de methodo, de tenacidade, sem saber o que lhe convem e sem força de vontade para conseguir o que, por ventura, lhe convenha, *magicos* são todos os que se afastam d'essa frivolidade. Mas, remar contra a maré, verdade velha sempre bem cabida, é inutil. Portanto, deixo ao criterio de v. tão conhecedor dos homens e das coisas do paiz, julgar se vale a pena, em assumpto de tal ordem, dar-me, por mais tempo, acolhimento no jornal. Se vê que não, nem se incommode v., peço-lhe, a lêr esta carta até ao fim.

Tanto agradecerei a v. a publicidade, se com ella fôr possivel interessar um pouco a opinião, como lhe agradecerei o contrario, se v. sente que me vou reduzindo ás condições de *caturra* ou de *mágico*.

Lá isso, não. Sou muito amigo do progresso e até comprehendo que, em certos casos, se faça progredir á força, quando se possua a força. Mas andar de chapéu na mão a pedir aos patricios que se civilisem e progridam, recebendo d'elles, em troca pontapés e chacota, *isso abobora*. Desculpe-me v. o plebeismo; desculpem-m'o os leitores.

E, posto isto, vamos ao caso.

O *Diario de Noticias*, a *Epoca*, a *Folha da Tarde*, e não sei se mais algum, diziam, ha quatro ou ha cinco dias, que ia ser adoptado no exercito o methodo de leitura João de Deus para instrucção dos soldados.

Que fundamento terá essa noticia?

Não ha duvida nenhuma que se torna indispensavel estabelecer um processo egual de ensino em todo o exercito, se fôr determinada a instrucção obrigatoria por companhias. Ensinar aqui por um processo, e além por outro, não se conforma com o caracter de uniformidade, que preside á tudo no exercito.

E, sem querer entrar em discussão com os pedagogos—Deus me livre!—direi sempre que o methodo João de Deus é o melhor. E' o unico! Não ha outro, entre nós, que possa receber o nome de methodo. Mas, se não é o unico, mas, se não é o melhor, admittimos essa hypothese, não é inferior a nenhum dos outros, que correm por ahi com o nome de methodo, e, em tal caso, o nome de João de Deus bem merece que lhe deem a preferencia.

O sr. ministro da guerra completaria a gloria do seu nome se, favorecendo o exercito e o paiz com o ensino litterario obrigatorio por companhias, désse, adoptando o methodo João de Deus, o grande exemplo de justiça e isenção que o poder civil tem deixado em aberto até agora.

O *Diario de Noticias*, em carta d'um seu *constante leitor*, dizia n'outro dia que o resultado obtido por mim, o anno passado, no ensino dos recrutas da minha companhia, só se podia attribuir ás minhas aptidões e que eu obteria o mesmo resultado, que obtive, ensinando com qualquer livro ou cartilha de aprender a lêr. A segunda parte póde ser verdadeira. Como não experimentei não sei. A primeira, provei eu já que o não é.

O anno passado fui eu que ensinei os analphabetos, ou, antes, que ensinei a companhia toda. Só eu, na companhia, sabia o methodo João de Deus. Só eu, por conseguinte, podia ensinar por esse methodo. Mas este anno, para vêr até aonde chegaria a prática do ensino em todo o exercito, abstiveme completamente de ensinar os analphabetos. Ensinei o methodo ao unico subalterno da companhia, o sr. tenente Antonio Rodrigues Paes, aos sargentos e aos cabos e deixei-lhes a elles o encargo exclusivo dos analphabetos, reservando para mim os que já sabiam lêr e escrever, aos quaes ensinei não só o 1.º curso da escola regimental, habilitando 13—11 recrutas e 2 soldados promptos, estes impedidos no casão dos alfayates, para exame, ficando todos approvados e 6 d'elles approvados com distincção, habilitando ainda outro, que ficaria necessariamente approvado com distincção, porque era dos melhores, mas que não chegou a ir a exame por ter tido passagem a outro regimento, dias antes; aos quaes ensinei não só o 1.º curso, digo, mas ainda as 4 operações arithmeticas sobre quebrados e decimaes, noções geraes de historia e chorographia, ficando assim os homens com um conhecimento nitido da patria portugueza, como se viu nas provas publicas a que foram sujeitos. Isto sem me cançar.

O sr. tenente Paes, os sargentos e os cabos, sem se cançarem tambem, ensinaram os analphabetos, obtendo tão bons resultados como eu tinha obtido o anno ultimo. Uns aprenderam melhor, outros peor, porque uns são mais intelligentes, outros menos. Mas todos, mais ou menos, ficaram sabendo lêr, escrever e contar, e bastantes d'entre elles muito regularmente.

Entre os 120 soldados que, por ordem do ministerio da guerra, marcharam d'aqui no sabbado para infanteria 16, foram 17 da minha companhia.

E' facil verificar entre elles, ahi em Lisboa, o resultado do ensino.

Os soldados n.os 98, 84, 94, 99 e 59 pertenciam a uma das turmas dos analphabetos mais intelligentes. O primeiro, principalmente, é excellente. Os soldados n.os 65, 71, 34 e 85 pertenciam a uma das turmas dos analphabetos menos intelligentes. Os soldados n.os 67, 76, 89, 3 e 90 mal sabiam juntar as lettras. Tambem aprenderam o methodo João de Deus. Hoje lêem correntemente, escrevem dictado, sabem as quatro operações arithmeticas e teem algumas noções de corographia.

Os n.os 95 e 56 já sabiam lêr. Menos intelligentes, não puderam fazer o 1.º curso.

O soldado n.º 80 é um dos 13 que fizeram o exame de 1.º cabo e é um dos que ficaram approvados com distincção. São os 17 soldados da companhia, de entre os 55 que receberam ensino, que tiveram passagem a infanteria 16.

Foram quasi todos ensinados pelos sargentos. A estes cabe o merito. Não a mim. O meu unico merito foi vigiar, foi fiscalisar, foi impôr a minha auctoridade de capitão para que se ensinasse a sério. E foi quanto bastou. E ficou plenamente demonstrado que é quanto basta. Feito isso, toda a gente apparece com aptidões para ensinar. Teve o 2.º sargento Rocha, que ensinou muito bem; teve-as o 2.º sargento Ferreira, que ensinou muito bem; teve-as o 1.º cabo Mendes, hoje 2.º sargento, que ensinou muito bem; teve-as o 1.º cabo Bastos, que ensinou muito bem; e teve-as o sr. tenente Paes, que ensinou e fiscalisou commigo

excellentemente. Tiveram todos tantas aptidões como eu.

Queira o capitão, eis tudo.

Eis tudo!

Basta que elle queira e o ensino por companhias faz-se com toda a facilidade, mesmo sem grande encargo para o capitão. Comtanto que este tenha os quadros habilitados.

Ora sobre essa habilitação é que eu direi duas palavras em outra carta, se v. , publicando esta, entender que o assumpto o merece.

Com toda a consideração,

De v. , etc.,

Vizeu, 26—5—902.

Francisco Manuel Homem Christo.

Alta novidade em gravatas «Arte Nova»

Aos *Armazens da Beira Mar* chegou na quinta-feira grande collecção de gravataria de sêda, o que ha de mais chic, e de algodão, a principiar em **50 réis!!!**

Aproveitar emquanto é tempo!

Companhia Lisbonense

N'esta casa de espectaculo tem havido récitas em beneficio de varios artistas da companhia, que bem dignos são do favor publico.

No sabbado foi o beneficio da sympathica e intelligente actriz Lola e Santos, com o *Moleiro de Alcalá*, em que Domingos é impagavel no papel de corregedor. A menina Gabriel, filha da actriz Lola, representou a engraçada cançoneta *O Zé Bróa*, com uma graça propria das creanças da sua idade, mostrando no seu desempenho que ha de vir a ser para o futuro uma actriz de nome.

Na quarta-feira foi o beneficio do actor Pinto e do ponto da companhia com o drama em 5 actos—*A Morgadinha de Valle Flôr*, de Pinheiro Chagas, que agradou.

Em obsequio aos beneficiados o amador sr. Manuel Paula representou a cançoneta—*Sol, Lá, Si, Dó*, que teve bom desempenho, sendo bisada.

O CASO DO BISPO FÓRA DE AVEIRO

De todos os jornaes de fóra, o que maior justiça fez a Aveiro e melhor poz a questão foi a *Epoca*.

Julgamos, pois, nosso dever transcrever para aqui os artigos d'aquelle periodico.

Em 20 de maio dizia *A Epoca*:

«Todo este paiz, e não sabemos se alguns mais, conhecem, apreciam e julgam o caracter do sr. Bispo-Conde.

Sabe-se e conhece-se, perto e longe, porque este prelado procura sempre revestir os seus actos d'uma formidavel ostentação; quer que sejam bem espectaculosos, bem excentricos. Por vezes, por não dizer-mos na maior parte d'esses actos actos, tem dado de mão á justiça ou á regularidade que talvez, em bem da instituição que elle representa, devesse ser o essencial, *para cuidar do ruido* que os mesmos actos possam trazer em volta do seu nome.

A' primeira vista, a explicação que salta, mais natural, mais accommodada, é que o sr. Bispo sacrifica á vaidade. E assim não é. Sua Reverendissima é ruidoso por ambição de tyranno, de prepotente.

Se valesse a pena remontar ás origens d'esta individualidade e acompanhal-a, nas muitas manifestações da sua vida pastoral, sempre agitada, sempre em busca do fremito publico, verificariamos a justeza do asserto. Era, além de fatigante, pouco edificante esse trabalho retrospectivo.

Analysemos este incidente que a outros deve ter surprehendido mais do que a nós.

O prelado, que em suas mãos segura a santa custodia e a vae levando em exposição ante os olhos dos crentes, presume-se que leva tambem em extasis a sua alma convencida da sublimidade do acto que representa ali. Não a traz, a alma, a fragil e terrena, afundada no lodo das vinganças, dos odios, das vis intrigas da terra.

E tal é a suspeita pelo acto praticado. Quem ia ali, envergando as vestes mais graves do culto, debaixo do palio, segurando e expondo o mais respeitavel dos symbolos, não era o levita que se consentrava todo na profunda meditação dos mysterios augustos. Ia ali o homem de barro, repositorio de sentimentos terrenos e detestaveis; ia ali a parte litigante de interesses materiaes; ia ali o pretendente convencido pela justiça e que não se sentia nem sequer com a serenidade de acatar uma sentença legal. Ia ali um ministro que se resigna a ser representante d'uma religião toda de amor, de sacrificios e de abnegações, com a reservada intenção de a não seguir nem respeitar, nem premittir, quando essa religião lhe contrariar uma ambição de possuir; quando lhe tolher uma exposição da sua vontade, absoluta e tyranna. Sim, Christo disse e o prelado conimbricense está prompto a repetir *regnum meum non est hoc mundo*, menos se esse evangelho lhe envolver um prejuizo; porque então será um roubo, e esse não porque mais salutar é o principio de que—a caridade bem entendida começa por nós.

Triste e pouco edificante foi o espectaculo passado em Aveiro, n'uma festa que, mesmo pelas tradicções que ella rememora, inspira outra piedade, outro respeito. Não era sómente uma commemoração religiosa, d'essas que ahi se repetem todos os dias, cujos idolos pertencem á egreja, porque esta é de toda a parte.

Ali havia, além do respeito e da unção religiosa, uns outros respeitos e outras uncções, que obrigavam aquelles mesmos que não commungassem na fé christã. Porque além d'uma senhora, d'uma mulher que, pela sua piedade e virtudes mereceu de Roma a aureola da santidade, era d'uma mulher portugueza que se tratava; mas d'uma princeza, d'uma irmã e filha de reis; porque n'ella, nós, os puritanos representantes d'essa grande raça, admiramos n'essa mulher a doce irmã, a meiga conselheira, a mais amorosa e tolerante cumplice do maior rei de Portugal. Cumplicidade santa essa, que ia desde os golpes ferozes da energia d'esse homem descommunal até os seus amores criminosos, cujo fructo ella teve junto de si, como filho, até a morte.

Porque, esse desacato, já agora inaudito, se praticou ali mesmo, n'esse oasis de isolamento, de dôr e de crueis aprehensões; em Aveiro, o logar escolhido pela santa para sua provação na terra e ponto da sua partida para a grande terra das recompensas.

O desacato não offende sómente a crença; offende o patriotismo e os mais respeitaveis sentimentos dos aveirenses.

Eis o que sentimos e o que tinhamos obrigação de dizer.»

Em 21, continuava:

«Sobre o lamentavel acontecimento que hotem tivemos de tratar, como merece, recebemos mais tarde o seguinte telegramma do nosso estimavel collega e provecto orgam da imprensa, o «Campeão das Provincias»:

Seguia-se o telegramma que vae n'outro logar e, depois:

«Cotejando-o com outras informações, verifica-se uma tendencia, aliás louvavel, em attenuar o incorrecto procedimento do prelado.

Mas, como a verdade é sempre uma, n'essa mesma informação se acha o sufficiente para insistir na profligação do nefasto precedente aberto pelo chefe da egreja n'aquella localidade.

Demos de barato que fossem as irmandades as que, primeiro, faltaram ao combinado, dirigindo-se por um itinerario diverso do marcado. Claro que não é das irmandades que se trata agora.

O dever do bispo, que ali representava a ordem, a tolerancia, a paz, do sacerdote que n'aquelle momento carregava com a maior responsabilidade, do prelado que officiava no mais augusto dos seus ministerios, do homem publico, parte integrante das instituições nacionaes, o dever do homem sobre quem incidiam tantas razões de respeito era confessar-se vencido e seguir por onde o levavam. Elle não era ali o director de coisa alguma, não era juiz, não era parte, para se pronunciar em litigio tão infimo, como o da escolha das ruas em que passava a procissão. Era o apostolo que expunha á veneração a hostia immaculada. Era mais longa a viagem e por isso maior o seu sacrificio; tanto melhor para o culto, tanto melhor para o sacerdote.

Era uma traição que se lhe havia armado ao seu orgulho, ao seu amor-proprio, era uma humilhação mesmo a que o queriam expôr; tanto melhor para o brilho da immaculada religião que ali ia toda, tanto para o sacerdote que n'ella officiava.

Era o sublime exemplo da resignação e do soffrimento, que o Christo levou até á bofetada na face e ao escarro no rosto. Era o edificante exemplo do extremo sacrificio á paz, e o mais forte triumpho dos fortes pelo perdão das injurias.

Os phariseus que fizessem o escandalo; o levita é que não tem o direito de o fazer. Aquelles que abram o conflicto; este que o esmague pela resignação, pela serenidade, contra a qual se quebram as furias mais açodadas, como contra a rocha as ondas se quebram.

Era uma affronta? Soffresse-a, calado, serenno. *Jesus tacebat.*

Era uma provocação? Evitasse-a, pela resignação.

Ali não estava um ministro de Deus; mas um poço de soberba a trasbordar em arrotos de tyrannia.

Emfim, no dia 23 dizia ainda *A Epoca*:

«Tinha raizes o successo. Preciso é conhecel-as. Constam d'um pequeno folheto que nos foi enviado com o titulo «Documentos relativos ao projecto de lei, cedendo á camara municipal d'Aveiro o extincto convento das carmelitas da mesma cidade».

Ora ahi está o grande motivo que chegou para, em desacato aos altos brios e privilegios do prelado conimbricense, lhe impôr a necessaria coherencia de não passar, de custodia na mão, junto do convento profanado, interdito, violado pela camara municipal!

A questão, a magna questão diz-se em poucas palavras.

A camara municipal de Aveiro obteve, na sessão legislativa d'este anno, que fosse apresentado um projecto de lei, com a data de 17 de março, em que se auctorisava o governo a ceder á mesma camara o convento de S. João Baptista, hoje denominado das Carmelitas. Esse projecto assignado por dois illustres deputados, os srs. Egas Moniz e Albano de Mello, foi ás respectivas commissões de administração publica e de fazenda; que, sem discrepancia, o approvaram, em datas de 18 e 21 de abril findo. Ora, note-se já, o projecto consigna a concessão do *extincto* convento, com dependencias e cercas annexas, mas *com a exclusão da egreja e respectiva sachristia*. E fica consignado que tudo isso que se cede á camara será para installação do Tribunal Judicial da comarca e suas dependencias, das secções do asylo-escola, que fôr possivel, e das escolas de instrucção primaria da freguezia, para um e outro sexo, com a reserva do que fôr preciso para o alargamento da praça publica fronteira a um projectado edificio para o governo civil.

Apenas o digno presidente da camara de Aveiro soube da apresentação, em côrtes, d'este projecto de lei, teve o attencioso cuidado de se dirigir, em officio, aliaz muito respeitoso, ao reverendissimo prelado, com data de 24 de março, em que lhe pedia a sua annuencia e coadjuvação para a mais rapida cedencia do convento, dada a urgencia dos melhoramentos que ali se iam realisar, e, mais, faz appello ao bondoso coração do emerito ministro de Deus, pondo-lhe diante a importancia e a sympathia da obra, para solicitar, pedir, implorar a valiosa protecção de s. ex.ª em coisa tão meritoria.

Foi essa a bomba! Não devia ser assim: o sr. presidente da camara tinha errado o seu caminho, dirigindo-se ao sr. conselheiro Albano de Mello, deputado por Aveiro; o caminho era por Coimbra e pelo paço episcopal.

E, então, o illustre prelado, responde, 6 dias depois, com uma extensa pastoral, abundante de conselhos, de recommendação de seus serviços e da sua affeição paternal por Aveiro, que lhe anda sempre sob os olhos da alma piedosa; mas, com a condição, apezar da sua alta gerarchia e imunidades, de enxertar umas *piadinhas* de descabida e desemxaibida ironia de censor.

Entre os varios prestimos a que o municipio destina o convento, citava o sr. presidente da camara a projectada construcção do palacio para o governo civil, que tambem seria a casa propria, que Aveiro não possue, para hospedar El-Rei, quando se dignasse visitar a cidade. A esse respeito, que apparece como parte muito secundaria, porque apenas se pretende um bocado da cerca do convento para alargar a praça fronteira ao palacio, segura-se a argucia prelaticia com esta ancia de esmagar—«mas como os projectos de v. ex.ª em relação ao convento de que se trata, só d'aqui a dois ou tres annos poderão realisar-se, e como não está para já a installação do governo civil para as visitas do chefe do Estado a esta cidade, para as quaes v. ex.ª quer a ampliação do largo em frente do edificio, como se digna dizer-me, trataremos então d'este assumpto».

Para fundamento da sua opposição, recorre á piedade que lhe merecem as santas senhoras que ali estão asyladas e o seu confessor, velho padre, digno, por edade e virtude de toda a veneração.

Entretanto, o convento está extincto, n'elle não existe freira professa desde 1881; pertence, de facto, ao governo por força da lei, que póde, sem consulta, nem auctorisação de ninguem, fazer d'elle o uso que tiver por melhor, como proprio nacional que é.

Mas lá vem a hydra com todas as suas cabeças—«como bispo catholico e protector nato d'esta casa religiosa, *que vive hoje á sombra da lei como associação de beneficencia*», etc.

Ora ahi está, como se vae interpretando a lei e como se está verificando a ordem de difficuldades que se procuram crear ao Estado, na sua legitima funcção de dispôr do que é seu!

O decreto a que subrepticiamente se está alludindo aqui garante a associação, sim, mas em parte alguma, porque seria correcto se o fizesse, transferiu a alguma d'essas associações o direito de propriedade que ellas não tinham.

Vá vendo o publico, se antes d'elle, com mais auctoridade, não quizer vêr o governo, como se lhe preparam ciladas com tão abstrusas hermeneuticas, mirando a usurpação dos proprios nacionaes e revertendo-nos a uma sonhada ventura anterior a 1834.

Manes de Joaquim Antonio de Aguiar, como não haveis de tremer onde estiverdes!»

Julgamento

Deve ser julgado ámanhã por suppostas injurias a um tal Meyrelles e Ricardo, o editor e administrador do nosso jornal.

O orgão dos francaceos diz constar-lhe que varios advogados se recusaram a defender o nosso amigo. Mente como um poltrão.

Deu-se exactamente o contrario do que affirma o bilhostre. A elles é que se recusou á ultima hora o advogado de quem contavam, por não encontrar fundamento na accusação, sendo substituido por outro.

Esta é que é a verdade.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m. (tram.)	1-25 m. (tram.)
5-51 m.	7-37 m.
8-58 m.	10-5 m.

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
6-49 m.	3-46 m.
	5-34 m. (rap.)
	10-43 m.

TYPOGRAPHIA — DO — POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

Bruxaria em acção

Na segunda-feira, pela volta da meia noute, estando o sr. Francisco Carvalho a dormir no seu estabelecimento, sito na rua do Espirito Santo, foi este cavalheiro acordado subitamente aos gritos e grandes pancadas n'uma porta, que tem communicação para a sua loja, de «O' João!... onde tens o dinheiro enterrado!» O sr. Carvalho julgando que se tratava d'algum assalto ao seu estabelecimento muniu-se de uma faca e foi observar o que se passava em volta de si e no silencio da noute. Qual não foi o seu espanto, quando viu um individuo de sobrepeliz fazendo caras muito feias e uma mulher espargindo agua-benta por todos os cantos d'um quarto, berrando e gesticulando pelos *espiritos diabolicos?!* A sua primeira idéa foi corre-los a cacete, mas reconsiderou que o melhor era ir chamar a policia. E assim fez. Chegada esta fez saber ao sr. Carvalho que o individuo era um bruxo do Porto já conhecido na esquadra pelas suas *habilidades* de bruxaria.

Foi convidado mais a mulher, que é de Aveiro, a ir fazer uma visita até á esquadra, sahindo pouco depois.

Veio a Aveiro a instancias de alguns ingenuos e lôrpas que cahem na esparrella de acreditarem nas pantominices d'estes intrujões.

A mulher que o coadjuvava a interrogar os *espiritos diabolicos* e todos os diabos que os carreguem mais a quem os convida, é muito conhecida n'esta cidade na arte da bruxaria.

Foi pena não convidarem o *menino bento* que a *coisa* seria mais limpa e aceiada. Para a outra vez não se esqueçam d'elle.

Um dos cavallos do esquadrão de cavallaria 7, que escoltava o S. Jorge na procissão de quinta-feira, deu um coice n'uma creança da aldeia, que ficou muito mal tratada. Foi receber curativo ao hospital da Misericordia d'esta cidade.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril **Singer**, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

ANNUNCIOS

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

VENDE cannos de ferro de todas as grossuras, para encanamentos de agua e gaz. —Preços do Porto.

Candieiros, serpentinas, Bombas para agua.

16, R. DA CORREDOURA, 18

AVEIRO

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

HISTORIA
DA
REVOLUÇÃO PORTUGUEZA
De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriotica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões luctaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas	60 réis
Cada vol. brochado..	1:500 »
Obra completa (4 vol)	6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria **Mello Guimarães.**

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazzi

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com explendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—**120** rs.

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282 PORTO

NOVIDADE LITTERARIA

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua forma artistica e impeccavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

A NOVA PHASE
DO
SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se reconhecer a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HENRY SIENKIEWICZ

(auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigamol-o!»

Preço de cada volume illustrado com uma capa a côres.

Preço 600 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em **1862**

EM

Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura

A machina *PFFAF* para costureiras.
A machina *PFAFF* para alfaiates.
A machina *PFAFF* para modistas.
A machina *PFAFF* para sapateiros.
A machina *PFFAF* para seleiros.
A machina *PFFAF* para corrieiros.
A machina *PFAFF* para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.
Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 4 a 44

ARMAZENS
DA
BEIRA-MAR
DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES!

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79